

## A MULHER CAMPONESA COMO PROTAGONISTA DA LUTA PELA POSSE DA TERRA EM GLEBA TAUÁ-TO

Wemerson Cavalcante Lemos<sup>1</sup>  
Alberto Pereira Lopes<sup>2</sup>

### RESUMO

O município de Barra do Ouro-TO localiza-se a uma latitude 07°41'22" sul e longitude 47°40'58" oeste, emancipado em 1996 com a Lei Estadual de nº 829, área de 1.106,345 km<sup>2</sup>, população estimada de 2016 de 4.503 habitantes segundo o IBGE. A sua principal atividade econômica é a agropecuária com grande poderio dos seus executores, que expandem seus domínios sobre o bioma cerrado da região, desrespeitando moradores que se encontram a décadas nessa região. Nesse sentido, segundo a CPT, a violência que se propaga nesse município é resultado da territorialização do capital em terras que também não os pertencem. Esse processo de domínio pelo chamado agronegócio repercute na incidência da pobreza populacional que chega a 46, 24% de acordo com o IBGE. Isso representa quase metade da população que vive numa situação bastante preocupante em relação aos direitos universais e fundamentais do ser humano. É nesse contexto de luta que surge a mulher como liderança e resistência. Assim, esta pesquisa busca dar voz a essas lideranças da Gleba Tauá.

**Palavras-chaves:** Gleba Tauá. Conflitos. Resistência. Feminismo

### PEASANT WOMAN AS PROTAGONIST IN THE STRUGGLE FOR LAND OWNERSHIP IN GLEBA TAUÁ-TO

#### ABSTRACT

Summary is one of the most important components of the paper. It is from it that the reader will decide whether it is worthwhile to continue reading the work or not. According to NBR 6028 the abstracts should highlight the objectives, the research methods, the results and the conclusions of the work. The abstract should be composed of a sequence of concise, affirmative and non-topic phrases, with the first sentence being significant, explaining the main theme of the document, without using bibliographic references and avoiding to the maximum, the use of acronyms / abbreviations. The information on the treatment category (memory, case study, situation analysis, etc.) should be indicated below. It should be written in the active third-person singular voice, single-spaced, single paragraph, and the size must be between 150 and 500 words.

**Keywords:** Gleba Tauá. Conflicts. Resistance. Feminism.

**Data de submissão:** 05.10.24

**Data de aprovação:** 10.12.24

### INTRODUÇÃO

Mediante a necessidade em debater a atuação do agronegócio nos campos brasileiros, a presente pesquisa procura dar voz às mulheres presentes nesses territórios tão cobiçados pela agro-indústrias. Esses que além do espaço físico material, são territórios de vivências e pertencimentos, em que a relação que essas mulheres têm com a terra está além do cotidiano de plantar e colher, suas relações intrínsecas ligam-se a ações de respeito e cuidado com o lugar

<sup>1</sup> Graduado no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: lemos.c1992@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de Licenciatura em Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail. alberto.lopes@ufnt.edu.br

onde vivem.

Desse modo, os povos que vivem da terra e que contrariam o modelo agressivo de cultivo desenvolvido pelo agronegócio, no qual realizam suas atividades de forma sustentável, preservando o espaço onde vivem, se tornam inimigos e alvos do modelo monopolista agrícola brasileiro. É nesse cenário caótico de conflitos que vive a comunidade Gleba Tauá, nela as lideranças na comunidade, mulheres que desenvolvem papel fundamental na luta pela terra.

Em vista disso, o objetivo deste trabalho é compreender a luta e a resistência dessas mulheres pela permanência na Gleba Tauá, relatar que a presença de um grupo como o grupo Binotto nessa região é parte do processo do modelo capitalista de agricultura que se desenvolve no Brasil. Sendo assim, o método dialético empregado contribui para a compreensão das relações que se apresentam como processo da prática do homem na sua vida real, no cenário de submissão, intolerância, alienação em relação às forças produtivas que centralizam e determinam a exploração do trabalho, garantindo a apropriação privada da riqueza. O primeiro passo dado foi a pesquisa bibliográfica sobre o tema, o que permitiu compreender meios para explorar e buscar abordagens sobre o tema, a fim de dar embasamento teórico e histórico em relação ao problema levantado.

As fontes bibliográficas foram a base teórica sobre o tema, utilizou-se de periódicos, livros, teses, dissertações, publicações avulsas, endereços eletrônicos, além das fontes indiretas, buscamos dados específicos sobre as comunidades tradicionais, especificamente, a comunidade Gleba Tauá na cidade de Barra do Ouro -TO, onde foi feita a pesquisa. Foi realizada a visita até a comunidade, desse modo foram feitas entrevistas a fim de relatar as vivências e experiências das protagonistas da pesquisa. Desse modo, o trabalho se deu por meio de roteiros de entrevistas e conversa informal com os assentados e os posseiros vítimas da expropriação diante da violência que se estabelece naquele território.

O cerrado tem sido um dos biomas mais afetados pela expansão do agronegócio no Brasil, sobretudo para a produção de grãos e a pecuária de corte. No município de Barra do Ouro/TO, na comunidade Gleba Tauá, o movimento de acumulação de terra por grupos ligados ao agronegócio vem gerando diversos problemas. Para que o agronegócio desenvolva sua atividade é necessário o ajuntamento de muitos hectares de terra, porém, não apenas esse agrupamento é preocupante, mas como essa terra é acumulada pelos grandes monopólios rurais. O acúmulo ocorre de forma criminosa, com a morte de muitos, sobretudo de povos que vivem da terra e lutam por ela.

Vale também ressaltar que na maioria das vezes essas terras são acumuladas através da grilagem, um modelo de aquisição de terra fraudulento que falsifica documentos de forma ilegal para conseguir terras, incluindo o uso de laranjas (MATOPIBA GRILAGENS, 2003). Esse processo, é uma realidade presente nos dias atuais. Sendo assim, entende-se a necessidade de dar voz através da pesquisa acadêmica a essas comunidades como a Gleba Tauá, uma vez que são afetadas pela violência e desigualdade existentes nos campos brasileiro.

Nessa pesquisa as protagonistas são as mulheres, que são lideranças no campo, sobretudo as mulheres da Gleba Tauá no Tocantins. É preciso que a sociedade tenha consciência do quanto é difícil ser mulher no campo brasileiro. Mediante ao que propõe a pesquisa, entende-se que o processo de acumulação primitiva ou originária vem historicamente de forma violenta desterritorializando os povos que vivem no campo (MARX, 1867). A acumulação primitiva é definida como o processo de separação do trabalhador do meio de produção. Sendo assim, para o capitalismo é a acumulação que possibilita sua existência. Esse processo não ficou no século XVI quando o objetivo do capitalismo era dar origem ao seu modelo de produção, atualmente o capitalismo tem como objetivo manter sua hegemonia durante as temporalidades, garantindo sua reprodução e acumulação.

Através dessas ações, o agronegócio no Brasil criou um mar de mazelas no campo brasileiro. O capital atualmente se apropria de grandes propriedades de forma abrupta, terras

que em muitos casos originalmente eram de trabalhadores, camponeses, ribeirinhos, sobretudo povos que vivem no campo. Eles desenvolvem práticas sustentáveis de utilização da terra, o que gera conflitos com as práticas utilizadas pelo agronegócio capitalista. Esse processo de luta e resistência contra o agronegócio gera, por anos, um ambiente de conflito no campo brasileiro, em muitos casos ocasiona a morte de homens e mulheres que lutam contra o modelo agrícola destrutivo.

Nesse embate os proprietários acumuladores de terras são claramente representantes do grande capital e toda cadeia capitalista de acumulação de riquezas. Na pesquisa em questão o recorte é focado na região da Barra do Ouro/TO, especificamente na comunidade Gleba Tauá. A região faz parte da nova fronteira agrícola brasileira, pois se encontra no Tocantins que integra o Matopiba, região formada pelos estados do Maranhão, Tocantins e Bahia (EMBRAPA, 2021). Foi criada devido ao seu potencial agrícola, o que permite cultivar em grande escala a soja e o milho. Atualmente o Matopiba é motivo de grandes controvérsias devido aos grandes problemas ambientais e luta por território gerados pelo modelo de agricultura difundido nesta região.

É dentro desse contexto de luta e resistência que surge as mulheres da comunidade Gleba Tauá. Na comunidade elas são protagonistas e sobretudo lideranças que lutam contra as atrocidades dos que chegaram depois para implantar a agricultura de precisão. Contudo, mesmo em meio a muita resistência dessas mulheres, agrava-se o conflito mediante a expansão do capital agrícola e a acumulação das grandes propriedades na região. A pesquisa narra e evidencia as experiências vividas por essas lideranças desde o início da luta contra o agronegócio na comunidade. É preciso que fique claro para a sociedade que existe um grande cenário de conflitos nos campos brasileiros, e que fique evidenciado que existem lideranças nesses espaços.

Desse modo, o trabalho apresenta cinco capítulos, o primeiro a introdução do tema da pesquisa, trazendo um panorama inicial do que se esperar ao longo da leitura. O segundo capítulo traz a mulher da Gleba Tauá como protagonista da luta pela terra, os relatos ficam por conta das entrevistas feitas com algumas das mulheres que aceitaram relatar suas vivências, e também as imagens da gleba. O terceiro capítulo traz dados acerca da violência existente no campo brasileiro e a violência contra a mulher. O quarto capítulo evidencia a importância do movimento feminista no que diz respeito a luta coletiva das mulheres pela garantia de seus direitos e igualdade na sociedade. Em conclusão, o quinto capítulo discute a relação existente entre o objeto de estudo desta pesquisa e o ensino de geografia, abordando a questão do ensino específico para o campo, as práticas do professor de geografia assim como a importância dos movimentos sociais, a fim de expressar a relação existente entre o ensino de geografia e a temática dessa pesquisa.

## **1 CAMPONESAS DA COMUNIDADE GLEBA TAUÁ – BARRA DO OURO/TO, MULHERES DE LUTA (RELATOS E VIVÊNCIAS (A LUTA PELA TERRA E RESISTÊNCIA))**

Para se entender as lideranças femininas da comunidade Gleba Tauá, é preciso entender o contexto da região, pois é a partir dele que surgem as mulheres como protagonistas da luta e resistência nessa região. A partir de 1992 as famílias que vivem na Gleba sofrem um grande impacto em suas vidas com a chegada de uma família catarinense, reivindicando as terras da Gleba Tauá.

O grupo afirmava que as terras não pertencem aos posseiros que ali vivem. Esse grupo é liderado por Emilio Binotto, que se trata de um grande empresário do ramo de transportes (Transporte Binoto) - a empresa tem sede no município de Lages- SC. O grupo atua no ramo há mais de 50 anos. A família Binotto se instalou na região para produzir soja e milho em grande

escala e desde sua chegada trava uma luta na justiça para, em tese, reaver sua propriedade. São mais de 20 mil hectares injustamente reivindicados pelos Binottos. A área requerida por essa família encontra-se divididas em 7 lotes, partes que integram a área da comunidade Gleba Tauá (CPT, 2019).

Atualmente as famílias encontram-se ilhadas, sem saída encontram-se aflitas, são pessoas com mais de 60 anos de idade, vivem da terra que de herança passam por gerações, como é o caso da Dona Raimunda, figura emblemática que luta contra as atrocidades geradas após a chegada do grupo agrícola na região. Os representantes patronais do grupo Binotto apresentaram documentos para a justiça afirmando que já estavam na terra antes dos posseiros, sendo assim poderão ser inseridos ao Programa Terra Legal<sup>3</sup> que tem como alternativa regularizar as terras da união e destiná-las à Reforma Agrária. O Grupo Binotto, utiliza-se de documentações que no mínimo são suspeitas já que as terras em questão são da União registradas como terras públicas. Outro fato importante é que o grupo Binotto foi denunciado por fazer parte de um esquema de grilagem (MATOPIBA GRILAGEM, 2023). Os 7 lotes reivindicados pelo grupo foram colocados em nomes de laranjas, o qual posteriormente o grupo Binotto tomou posse exigindo os lotes e a expulsão das famílias da Gleba.

Contudo, a chegada dos primeiros moradores da Gleba Tauá foi muito antes do grupo Binotto, essas terras deveriam ser destinadas à reforma agrária já que são terras públicas e demarcadas como reserva. A Constituição Federal de 1988 no seu Art. 184 elucida que “Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social [...]” (BRASIL, 1988, art. 184). Sendo assim as terras onde hoje se localiza comunidade Gleba Tauá se enquadram nesse conceito. Porém, o que ocorreu de fato foi a grilagem dessas terras e a criação de um grande latifúndio na região.

O grupo de Santa Catarina possui mais de 20 mil hectares na região, mesmo com essa grande quantidade de terras o grupo continua tentando expandir sua propriedade. A política de desenvolvimento do estado do Tocantins é pautada para favorecer e proteger grupos econômicos, políticos e sobretudo a criação de latifúndios. Desse modo, mediante a produção e reprodução do capital no campo, formam-se grandes contingentes de desprovidos que não têm acesso à terra, como consequência tem sua força de trabalho explorada após serem desapropriados de onde vivem (RIBEIRO, 2021). A distribuição de terras para os grandes capitalistas foi estratégia do governo no estado do Tocantins desde a sua criação, os lotes eram vendidos a preço simbólico para atender uma elite que se constituía e tinha o discurso de desenvolver uma região que sofria com o abandono durante muito tempo. Como aponta Ribeiro (2001):

Apesar de vários discursos apontarem para um ‘Estado modelo’ e sem vícios, ele tem sido um exemplo do vício, da politicagem, um estado em favor da elite que não se altera e é personalizado em poucas pessoas. Porém, esta é uma das práticas silenciadas pelo discurso tocaninense. As poucas vozes que enunciam não têm espaço e são sufocadas aos poucos. (p. 112. (Grifo do autor).

A própria ostentação da atividade econômica agropecuária no Tocantins demonstra o grande poder de domínio dos fazendeiros, o qual é apoiado pelo estado, fato que eleva a desigualdade socioeconômica das classes socialmente desprovidas de condições necessárias

---

<sup>3</sup> O Programa Terra Legal Amazônia foi criado para implementar a Lei nº 11.952, de 25 de junho de 2009, e tem como objetivo a destinação e a regularização fundiária das terras públicas federais na Amazônia Legal, algo em torno de 60 milhões hectares, área correspondente ao estado de Minas Gerais. Este programa, após a destinação de áreas para o interesse público e social, promove o reconhecimento de ocupantes que cumprem com os requisitos legais. Para tanto, é feito georreferenciamento das glebas e parcelas, o cadastramento dos beneficiários e toda a instrução processual. Os seus resultados vêm a cada ano ampliando o número de beneficiários e de áreas regularizadas.

Disponível em: <https://governancadetererras.com.br/wp-content/uploads/2017/10/ARTIGO.AndradeLucia.pdf>.

para a sobrevivência. Assim entende-se que o contexto do campo brasileiro é de luta e resistência, sobretudo é palco para o surgimento de figuras emblemáticas ligadas a luta contra o grande capital existente. Nesse cenário surge o protagonismo feminino, mulheres como Margarida Maria Alves (1933-1983), líder sindical e presidente do sindicato rural de Alagoa Grande. Margarida foi morta brutalmente por lutar pelas mulheres e pela educação de qualidade para os camponeses. (FERREIRA 2006).

A questão de desigualdade de gênero é algo muito presente no contexto do campo brasileiro. Historicamente a mulher sempre foi secundarizada pela sociedade masculina em diversos âmbitos, desse modo os movimentos feministas vêm se desenvolvendo ao longo dos anos e tornando-se extremamente importante nesse cenário de luta e resistência da mulher camponesa.

Na comunidade Gleba Tauá a figura da mulher foge à regra dos padrões da sociedade patriarcal conservadora. A mulher camponesa/posseira da Gleba Tauá assume o papel de protagonista da luta pela terra e resistência contra os fazendeiros donos de grandes latifundiários, detalhe que também as coloca como alvo. Assim, mulheres como Raimunda Pereira dos Santos, Zéliana Tereza dos Santos, Belisa Araújo dos Santos, moradoras da comunidade Gleba Tauá no Município de Barra do Ouro - TO, sofrem as atrocidades geradas pelo grupo Binotto.

Raimunda Pereira dos Santos, principal liderança feminina da Gleba, é moradora da comunidade muito antes da chegada dos Binottos, hoje com 79 anos, relatou em entrevista o período da chegada dos fazendeiros na região, como também relatou as atrocidades que sofreu do grupo por resistir a desapropriação ilegal e desumana cometida pelos fazendeiros.

Assim, os relatos e vivências a seguir são de mulheres que residem na Gleba Tauá, suas histórias de vida e as lutas após a chegada dos Binottos. São senhoras camponesas, algumas de idade avançada que tiveram o desprazer de presenciar e sentir na pele a violência gerada pelo agronegócio tocantinense. Seus olhares demonstram o cansaço de uma vida de luta, onde o objetivo sempre foi a conquista pela terra. Em seus discursos é possível evidenciar a força, e sobretudo, a esperança de ainda se viver em um campo livre do agronegócio destrutivo, em que as demandas das minorias sejam atendidas e que a vida e a natureza sejam valorizadas e vistas como prioridade.

### 1.1 RAIMUNDA PEREIRA DOS SANTOS

Raimunda se considera posseira da terra onde vive, chegou na região da Barra do Ouro em 1952 com sete anos de idade. Nascida no estado do Maranhão, veio para a comunidade devido seu pai não possuir terra para morar. Ela e seus familiares viviam de forma agregada, seu avô e seu pai eram vaqueiros em uma fazenda na região, e todos da sua família se submetiam as formas de trabalhos impostas pelos fazendeiros, condições que não eram as melhores, porém aceitavam devido a necessidade de sobrevivência.

Ao chegar na região da Barra do Ouro Raimunda relata que o lugar era bem diferente do que é hoje, a vegetação nativa de cerrado era predominante, espécies e animais típicos do cerrado viviam em grande concentração na região, os rios e nascentes eram preservados, sem intervenção do agronegócio. Com a chegada da família de Raimunda, outras famílias chegaram na região, as famílias foram na esperança de ter um pedaço de terra para plantar e criar. Com a chegada do grupo Binotto na região os conflitos se iniciaram, possuidores de um grande número de hectares, começaram a aliciar os posseiros para que vendessem suas terras. A lógica de acumulação de terras do agronegócio fez com que esses grupos buscassem expandir suas propriedades para potencializar suas produções.

Dessa forma, Dona Raimunda ainda relatou que os pistoleiros do grupo passavam de casa em casa com a proposta de comprar as terras dos posseiros, algumas propostas vinham

acompanhadas de ameaças caso não fossem aceitas. Ela também foi vítima, foi ameaçada por não aceitar a proposta de vender suas terras. A partir desse momento iniciou-se com mais ênfase os ataques contra Raimunda principalmente por ser a principal liderança da comunidade. Ela relata que um grupo de 5 pistoleiros foram contratados para matá-la. Os pistoleiros afirmavam que Raimunda era a mais perigosa da região, devido ao fato de ser dura e resistir às tentativas de desapropriação.

Raimunda entrou em contato por telefone com a Comissão Pastoral da Terra (CPT). O contato foi principalmente um pedido de ajuda. “[...] vocês me socorrem por que estou sendo jurada de morte pelos pistoleiros do grupo Binotto [...]” (RAIMUNDA, 2019). Em resposta ao seu pedido a CPT respondeu que no dia seguinte iria mandar uma equipe.

[...] eles não me pegam não Pedro, de jeito nem um, quando eu escutar o carro zua bem aí, eu já olho pelo buraco que eu fiz na parede de barro, para eu olhar lá, se eu ver que não é vocês, eu caio bem aqui pelo fundo da cozinha, caíu no mato, atravessou o córrego bem aqui, me tacho dentro dessa mata, diacho que eles vão me achar [...] (RAIMUNDA, 2019).

Pedro é um agente da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que a muitos anos acompanha a situação da Gleba Tauá, a ligação do agente com os posseiros se dá pelo acompanhamento, visitas e reuniões que realizá, com o intuito de contribuir para a regularização da comunidade, e na luta pela conquista da terra. Diante das ameaças de morte, Raimunda então começou a mudar sua rotina, a medida que os pistoleiros se aproximavam dos arredores de sua casa, principalmente durante a noite. Devido a ameaça constante, Dona Raimunda relata que não dormia, apenas tirava rápidos cochilos já que ficava perturbada com a presença dos pistoleiros,

[...] eu ficava perturbada, o que que eu podia fazer? O que que eu podia fazer? Eu não tinha como agir nada, eu não tinha pra onde ir, eu ficava imaginando pra onde meu Deus, pra onde eu vou? A noite pra mim dormir era dormindo aos cochilos, agradeço que tem uns cachorros aí, uns vira latas, esses cachorros barroava a noite todinha que parece que estava comendo mesmo, eu de noite com um facão grande no pé da minha rede ali, na hora que eu ver mexer eu não vou esperar não, de jeito nem um, se arrebentar os amarradinhos da porta ai, eu fico bem de trás da porta, quando passar eu largo o facão pra cima e não to nem ai, quando era de manhã eu só via os rastros dos jagunços na terra em volta da minha casa [...]. (RAIMUNDA, 2019).

Dona Raimunda era vista como frágil por ser mulher e de idade avançada, os pistoleiros a mando do grupo Binotto acreditavam que seria fácil expulsá-la, porém, foi aí que a liderança e a força da mulher camponesa vieram à tona. Ela passou a resistir diariamente aos ataques contra sua vida. É importante ressaltar que o machismo está presente também no campo, uma vez que as mulheres são vistas como indefesas. Porém, é importante lembrar que a mulher camponesa passa longe da perspectiva de mulher frágil.

Raimunda relata que a polícia também estava presente, mas atuava como peões do grupo Binotto, indo com frequência à sua casa tentar expulsá-la, foram 4 tentativas de despejo, mas ela resistiu e não saiu da sua casa. Assim, vendo que não seria fácil tirar a posseira da terra, as medidas do grupo se intensificaram e derrubaram sua casa por duas vezes.

**Figura 1** – Casa de Raimunda Pereira dos Santos.

**Fonte:** Lemos (2019).

A casa onde dona Raimundo reside atualmente (Figura 1), é de acomodação simples e humilde feita com materiais retirados do campo. As casas de palha são tradicionalmente utilizadas pelos povos do campo há muitos anos. Esta é a segunda casa de Dona Raimunda, a sua primeira casa foi destruída em uma ação de despejo coordenada entre o grupo Binotto e a Polícia Militar da região.

Os posseiros da Gleba Tauá vivem ilhados, o grupo Binotto tem delimitado suas áreas bem próximas das terras dos posseiros. Dona Raimunda vive hoje cercada por plantações de soja, seu lote atualmente se resume a uma porção de terra, cercada por áreas de plantio que o grupo Binotto arrenda para outros fazendeiros (Figura 2). Todos os posseiros vivem do cultivo da terra e das atividades rurais, o pedaço de terra que lhe resta é bem menor do que o tamanho original antes da chegada dos Binottos, é onde plantam hortaliças, frutas, feijão e criam algumas galinhas e porcos.

**Figura 2** – Entrada da casa da dona Raimundo.

**Fonte:** Lemos (2019).

Quando foi perguntado se Raimunda tem medo de viver na Gleba a resposta

surpreende, “[...] *Eu nunca sofri medo desses homens, nunca sofri medo, eu só me entregava para aquele, nunca tive medo de maneira alguma até hoje, graças a Deus [...]*”. Ela expressa a fé e a crença do camponês, expressada na entrevista reverbera seu sentimento de vitória por resistir até hoje aos diversos ataques, sempre agradecendo seu padroeiro Padre Cícero.

## 1.2 ZÉLINA TEREZA DOS SANTOS

Com 65 anos de idade Zélina é solteira, camponesa e mãe de 5 filhos. Zélina é filha de Dona Raimunda e nasceu na Gleba Tauá, viveu de perto todas as atrocidades que a mãe sofreu, e conta em entrevista que também foi vítima dos pistoleiros do grupo Binotto. Zélina relata que os pistoleiros cercavam sua casa. O lote onde Zélina mora na Gleba fica a cerca de 700 metros do lote da mãe. A camponesa conta que não podia sair de casa devido a presença dos pistoleiros, e também recorreu à CPT. Em ligação Zélina recorre ao agente Pedro. “[...] ó Pedro, nós aqui, estamos cercados de pistoleiros, nós não pode sair nem na Barra do ouro pra comprar um açúcar. [...]”.

A posseira Zélina também teve sua casa destruída pelos jagunços do grupo Binotto. Zélina relata que sua primeira casa foi queimada e não sobrou nada. Mediante a tristeza de ter todos seus bens conquistados destruídos, criou forças e construiu uma nova casa. A casa dos posseiros são choupanas de paredes de barro e taipa, com telhado de palha.

Em meio a principal atividade realizada pelo grupo Binotto na região, o cultivo da soja e do milho, o grupo desmatou praticamente toda região, e o restante do cerrado que sobrou está com os dias contados. Zélina relata que o grupo usava o “CORRENTÃO” para derrubar o cerrado.

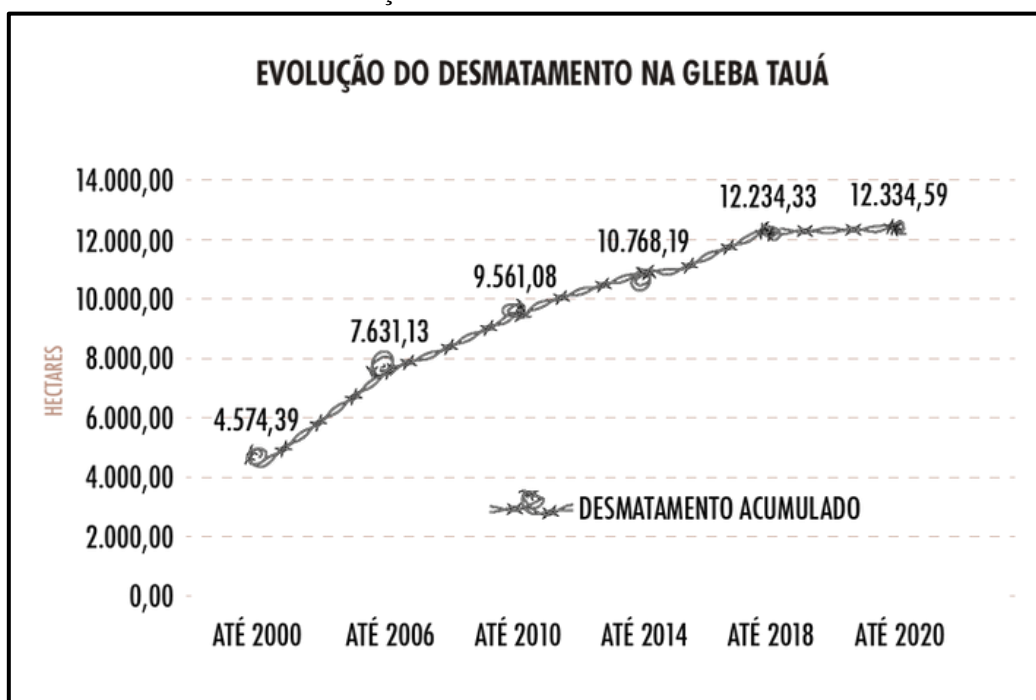
**Figura 3** – Correntão: a destruição do cerrado para dar lugar ao agronegócio.



**Fonte:** Comissão Pastoral da Terra (2015).

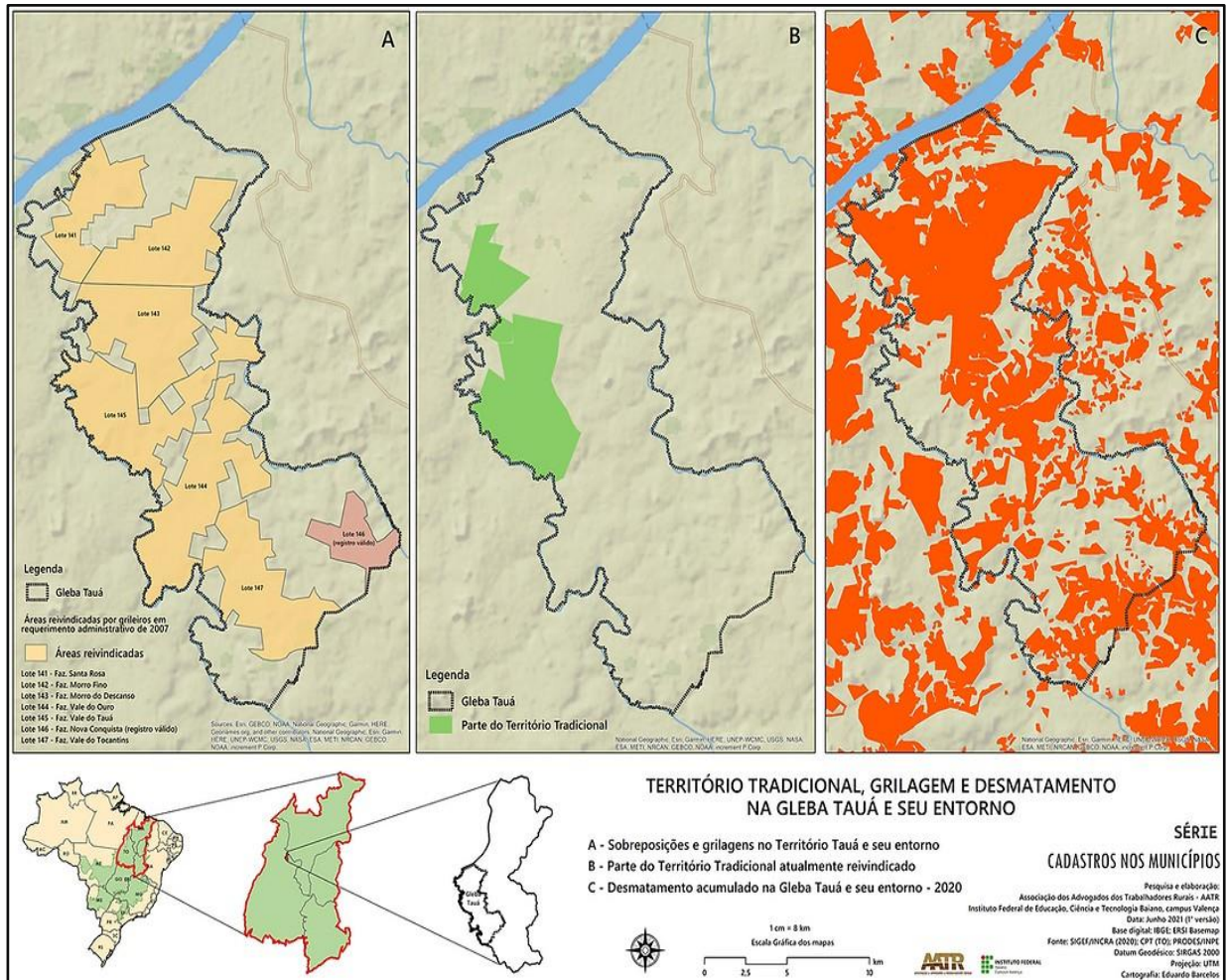
O correntão trata-se de uma corrente de aço entre 10 a 15 metros (Figura 3), onde cada ponta da corrente é presa em um trator. Assim, os tratores puxam a corrente colocando tudo que estiver em seu caminho abaixo. A questão do desmatamento na região é preocupante e cresce a cada ano como podemos ver no gráfico a seguir:



**Gráfico 1** – Evolução do desmatamento na Gleba Tauá-TO.

Fonte: Matopiba Grilagem (2020).

É possível identificar no gráfico 1 que o desmatamento acumulado na gleba triplicou de 2000 a 2020 totalizando 60% da gleba desmatada em 2020 (MATOPIBA GRILAGEM, 2020). Esse é um dos grandes problemas que a comunidade vive, na região já não há mais grandes extensões de cerrado, as características nativas do lugar praticamente sumiram, o cerrado típico da região foi derrubado para dar lugar ao milho e a soja. No mapa a seguir é possível visualizar outros 3 mapas, o mapa A traz a delimitação dos lotes reivindicados pelo grupo Binotto, no mapa C, é possível ver a área do território tradicional da Gleba que é reivindicada. Já no mapa D é possível ver em alaranjado toda a área desmatada na Gleba Tauá, podendo identificar que praticamente quase toda a gleba já foi desmatada pelo grupo Binotto, entenda no mapa a seguir.

**Mapa 1** – Território Tradicional, Grilagem e Desmatamento na Gleba e seu entorno.

Fonte: Matopiba Grilagem (2020).

O que mais assusta é que além do grande desmatamento gerado pelo grupo na região, os funcionários do grupo Binotto também ameaçavam derrubar a casa das posseiras com o correntão, ignorando a presença das pessoas dentro das residências. Zélina é mais uma liderança que resiste contra o agronegócio na região da Barra do Ouro no estado do Tocantins. Desse modo, é exemplo de luta e resistência. A sua vida toda é empenhada na luta pela terra, o que mostra o reflexo do campo brasileiro, sobretudo reflete a real situação dos povos que lutam por um pedaço de terra.

### 1.3 BELISA ARAÚJO DOS SANTOS

Com seus 68 anos, aposentada e viúva, não é posseira tão antiga como Dona Raimunda e Zélina, moradora da região desde 2015 relatou em entrevista que também sofreu as ameaças dos jagunços do grupo Binotto. A camponesa/posseira veio para região por não ter onde morar, Belisa relatou que veio para Gleba por saber que a terra não pertencia ao fazendeiro, mas sim à União. Ela relata que sua chegada na região foi questionada pelos fazendeiros, os jagunços a mando dos fazendeiros tentaram impedir que ela construísse o barraco onde vive com o filho,

“[...] assim que nós chegou pra cá, eles não queriam que nós fizéssemos o barraco aqui, ele veio aqui varia vezes, chegou até falar que iria arrumar um serviço pra gente fora, de vaqueiro em uma fazenda, a fim de nos sair daqui, eu falei não, daqui eu não saio de jeito nem um, por que, eu to aqui infelizmente por que não tenho onde morar,

se eu tivesse onde morar eu não tava aqui. [...]”. Belisa relata que os jagunços foram várias vezes em sua casa com a mesma proposta, e a respostas da camponesa foi a mesma, “QUE NÃO SAIRIA DA TERRA”. (BELISA ARAÚJO DOS SANTOS).

O filho da camponesa confirmou o depoimento da mãe, e acrescentou dizendo que os ataques começaram quando os jagunços de fato perceberam que Belisa não sairia da terra onde vive. Belisa tem uma pequena produção, onde cultiva roça de mandioca, arroz, feijão, milho, melancia, banana e também cria galinhas e porcos.

A criação e a plantação de Belisa é sua fonte de alimentação, os itens que não consegue produzir em sua terra compra na cidade de Barra do Ouro. Sabendo que as pequenas plantações dos camponeses são a fonte de sua alimentação e renda, os fazendeiros destroem o pouco que cultivam. Assim, Belisa teve uma roça destruída pelo trator do Grupo Binotto, quando questionou os jagunços afirmaram que seria indenizada, o que nunca aconteceu. “[...] a rocinha que meu menino plantou perto do gradeado deles, eles passaram com a grade por cima. [...]”.

A camponesa/posseira Belisa Araújo também relatou que o grupo também polui a região. Em entrevista Belisa relatou que o mesmo avião que o grupo utiliza para lançar os agrotóxicos sobre as plantações de soja e milho cultivados pelo grupo, também é utilizado para lançar os mesmos agrotóxicos sobre as plantações dos posseiros da Gleba Tauá. Assim, a contaminação gerada pelos agrotóxicos causou danos nas nascentes de riachos próximos de suas propriedades impossibilitando o uso da água. O agronegócio já se encontra em alto nível de desenvolvimento na região, e as consequências são as piores possíveis, as três camponesas/posseiras relatam a diferença na paisagem hoje, que é de grandes campos de soja sem fim, onde antes existia o cerrado.

É em meio a todo esse caos e perturbação diária que figuras emblemáticas da luta pela terra na Gleba Tauá resistem, a mulher camponesa é símbolo de resistência contra as mazelas do agronegócio existente no Estado do Tocantins, sendo assim todos os dias travam uma árdua luta, o objetivo é possuir um pedaço de terra que possam dizer que é seu. Todo esse processo de destruição das condições de vida dessas mulheres não é uma particularidade, milhões de brasileiros que vivem no campo sofrem essa destruição arquitetada. As Mulheres da Gleba são exemplos de força e luta, elas se organizam e lideram suas lutas, trazendo benefícios positivos pela luta coletiva da comunidade. Portanto é preciso entender que a presente pesquisa sobretudo serve como denunciante do que essas mulheres sofrem diariamente.

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As organizações camponesas resistiram por muitas décadas aos conflitos, às pressões e à violência por parte do Estado conservador e dos grandes proprietários de terras, que estão vinculados às estratégias políticas governamentais. No final dos anos de 1950 até 1970 as políticas fundiárias se configuraram como resposta às pressões dos movimentos sociais no campo. Foram momentos em que se multiplicaram os conflitos fundiários e assassinatos no campo para a expansão das grandes propriedades.

Diante dessa barbárie, a luta pela terra se intensificou com seus sujeitos a partir da década de 1980, com novas bandeiras, na busca pela liberdade, autonomia sindical, assistência social e reforma agrária. Assim, as formas de luta do camponês são resultado da reprodução do capital em seus aspectos contraditórios, concentrando riquezas e utilizando uma mão de obra marginalizada no contexto da divisão social do trabalho que atende às forças produtivas, expandindo a sua concentração de riqueza para produzir o capital.

Dessa forma, vivenciamos a intensificação da violência no governo Bolsonaro, os movimentos sociais se reinventaram e criaram novas bandeiras na luta pela liberdade, autonomia e reforma agrária. O fato nos remete a pensar como será a vida da mulher camponesa no Brasil, especificamente as mulheres camponesas/posseiras da comunidade Gleba Tauá no

município de Barra do Ouro-TO, objeto de estudo desse respectivo trabalho, o que demonstra a importância do estudo da luta dessas mulheres, soma-se as milhares de outras mulheres que diariamente lutam e são vítimas das mazelas de um país, o qual os governantes ignoram suas demandas, e fortalecem ainda mais o lado da dominação imposta pelo capitalismo sobre as organizações camponesas existente no país.

Essa pesquisa expressa a luta e a perspectiva da mulher camponesa/posseira da Gleba Tauá. A narrativa dessas mulheres, muitas vezes de idade já avançada, demonstram a capacidade do agronegócio difundido no território tocantinense é capaz de fazer para que o sistema de acumulação nos campos brasileiro seja consolidado, tanto a acumulação do capital, como a acumulação da terra, o que tem formado um grande monopólio agrícola no estado.

Essa grande concentração de terras nas mãos de pequenos grupos privilegiados, é uma ameaça a essas mulheres. Dessa forma, compreende-se a necessidade de dar voz a elas, entendendo que as mesmas ainda existem e resistem. A questão principal é evidenciar para sociedade os problemas e despertar o interesse pela discussão acerca dessa problemática. É preciso que a sociedade tenha conhecimento de que assim como a comunidade Gleba Tauá, centenas de outras comunidades existentes no Brasil vivem diariamente as desigualdades geradas pelos monopólios agrícolas e o modelo de agricultura aplicado no campo brasileiro. A presença do capitalismo no campo é uma ameaça ao modo de vida e à integridade desses povos, os movimentos camponeses resistem e permanecem firmes na luta pelos seus direitos.

O problema da violência contra a mulher tanto do campo quanto em outras esferas da sociedade deve ser combatido, é preciso questionar a sociedade em geral a respeito do seu posicionamento diante a essas demandas, hoje vivemos em tempos que não se pode mais aceitar tanta violência, continuar assistindo sem interferir. Movimentos como o feminista e dão exemplo de como a sociedade deve se posicionar mediante a esses problemas. A sociedade tem a visão de que o povo do campo não é dotado de conhecimento, o que é um grande erro, uma vez que o povo do campo é rico de conhecimento e cultura, repassados de geração, perpetuam as características desse povo, principalmente da mulher do campo.

A luta pela manutenção do modo de vida da população que vive no campo não é aleatória, é levado em conta toda a relação existente entre esses povos e o lugar que vivem, são relações de pertencimento, o que proporciona o cuidado e a manutenção da terra de modo que a preserve.

Sendo assim, compreende-se que cabe aos nossos governantes criar condições melhores de vida ao povo do campo, é preciso que criem políticas que fortaleçam a agricultura familiar e que extingue o cultivo das monoculturas, sempre pensando na manutenção do campo brasileiro.

Desse modo, essa pesquisa contribui na luta pela terra e pelos direitos das mulheres do campo, embora apenas expressam a vivência de algumas mulheres, já que apenas elas sabem a dor e o quanto é difícil ser mulher camponesa. Esse manuscrito se soma a outros que denunciam as mazelas vividas, protagonizando e reafirmando a luta coletiva das mulheres camponesas.

Por fim cabe ressaltar que a comunidade Gleba Tauá no município de Barra do Ouro-TO ainda resiste, mesmo com a presença do grupo Binotto os moradores da comunidade ainda vivem de modo a respeitar o pedaço de terra que lhe restam. Em entrevista Dona Raimunda uma das protagonistas desta pesquisa afirma que “Enquanto eu tiver vida, eu vou lutar pelo meu pedaço de chão”, desse modo ficamos com a fala de Dona Raimunda e entendemos que a luta ainda está viva na comunidade Gleba Tauá, e o povo do campo ainda resiste.

## REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE, M. Liberações de agrotóxicos batem recorde em 2022. **Correio Brasileiro**, 2023. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2023/02/5075308-liberacoes-de-agrotoxicos-batem-recorde-em-2022.html>>. Acessado em: 16 mai.2023.

ARROYO, Miguel; FERNANDES, Bernardo M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Vol. 2. Brasília. BF: articulação nacional por uma educação básica do campo, 1999.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a. \_\_\_\_\_. O segundo sexo: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>. Acessado em: 10 jun. 2022

BENJAMIN, César e CALDART, Roseli Salete. **Projeto Popular e escolas do Campo**. Brasília: Articulação Nacional por uma educação básica no campo, 2000. Coleção por uma educação básica no campo, nº 3.

BRASIL. IBGE. **Senso Agro 2017**. 2017. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/26281-mulheres-ganham-espaco-na-agropecuaria-mas-sao-apenas-19-dos-produtores.html>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRASIL. [Constituição Federal (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acessado em: 11 out, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo, Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In.: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). **Campo**. Políticas públicas: educação. Brasília: Inca-MDA, 2008, p. 67-86. (Por uma Educação do Campo, n. 7. Coleção)

CHIAVENATO, Júlio José. **Violência no campo: o latifúndio e a reforma agrária**. São Paulo: Moderna, 1996.

COGGIOLA, Osvaldo. Brasil: a questão agrária e a luta do MST. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; BARSOTTI, Paulo (Org.). **América Latina: história crise e movimento**. São Paulo: Xamã, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERNANDES, Bernardo Mançano. (Org.) **Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual**. São Paulo: Expressão popular, 2008.

FERNANDES, B. M. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In:

BUAINAIN, A. M. (Ed). **Luta pela terra, reforma e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2005.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **Margarida, Margaridas**: Memória de Margarida Maria Alves (1933-1983) Através das práticas educativas das Margaridas. Brasil: Editora Universitária/Ufpb, 2006. 135 p.

IZUMINO, Wânia Pasinato. **Justiça e Violência contra a mulher**: o papel do sistema jurídico na solução dos conflitos de gênero. São Paulo: Annablume : Fapesp, 2004. 277 p.

MARX, Karl. [1867]. **O capital**: crítica da economia política. Volume I, Livro Primeiro: O Processo de produção do capital; Regis Barbosa e Flávio R. Kothe (trad.), São Paulo: Nova Cultural.1996.

MATOPIBA GRILAGEM. **Nafrenteira da ilegalidade**: Desmatamento e grilagem no matopiba. [2023]. Disponível em : < <https://www.matopibagrilagem.org/>>. Acessado em : 28 mai.2023.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

RIBEIRO, F. de A. **A invenção do Tocantins**: memória, história e representação. 2001. 165f. Dissertação (Mestrado em história das sociedades agrária) Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás. 2001., 2006.

Programa Terra Legal – **quem são os beneficiários da regularização fundiária na Amazônia Legal?**, 2017. Disponível em : <<https://governancadetererras.com.br/wp-content/uploads/2017/10/ARTIGO.AndradeLucia.pdf>>. Acessado em : 07 out. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth (1979). **O fardo das brasileiras** - de mal a pior. Escrita Ensaio, n.5, São Paulo. (1987). O poder do macho. São Paulo: Moderna. Coleção Polêmica.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. 118 p.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 30, n. 2, 71-99, jul./dez. 1995.